

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

USOS E COSTUMES, TRADIÇÕES E BRUXARIA NAS OBRAS DE CAMILO CASTELO BRANCO.

BRAGA, Alberto Vieira

Ano: 1925 | Número: 35

Como citar este documento:

BRAGA, Alberto Vieira, Usos e costumes, tradições e bruxaria nas obras de Camilo Castelo Branco. *Revista de Guimarães*, 35 (1) Jan.-Mar. 1925, p. 13-28.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

:: USOS E COSTUMES :: TRADIÇÕES E BRUXARIA

NAS OBRAS DE

CAMILO CASTELO-BRANCO

Minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa...

Perdoai, meus senhores e apóstolos do culto de Camilo, culto erguido numa bênção de respeito e de memória ao seu saber iluminado nos vossos corações reconhecidos de Portugueses estudiosos, culto bafejado de inspiração doirada pela luz que espalha e pela utilidade que semeia, de penitência recolhida em orações de trabalho aturado e proveitoso, que tanto de beleza e amor, de sofrimento e dores tendes feito ressaltar da sua obra vasta, perfeita e dolorosa, dolorosamente bela e torturadamente sofredora, tanto de beleza, de harmonia, de canto e de côr, como se da imaginação fecunda do Artista, gravada em torrentes de gênio em cada monumento de romance, tivésseis tirado milhares de pequeninas telas de beleza, achêgos de encanto, suaves e mornos como peitos de noiva, manchas de luz, como doce brilhar de olhos pequeninos e inocentes de criança, alegres primaveras de encanto e fogo, como sorrisos de mulher amada, crepúsculos tristes, como doloroso carpir de infortunado, cerração sem vislumbres de esperança, noite escura, fantasmas no silêncio, como a cegueira do Grande Mestre...

Milhares de pequeninas telas tiradas do imenso cenário da sua obra por obreiros vários e talentosos, para que, assim disseminada e parcelada, a gente alcance o poder do seu engenho e compreenda do seu valor, porque Camilo pintou a natureza tôda, inteira, nas

sensações, nas gamas, nos segredos, perscrutou das paixões e foi traçando a largas manchas os encantos da terra, os venenos da vida e as corrupções da alma, dando esbelteza ao sorrir das flores, maviosidade ao gorgueio das aves, doçura ao canto das mulheres e imprimiu ritmo de graça ao jeito dos braços que se quebram nas danças de folga, e deu balanço de harmonia ao jeito do corpo que se consome no lidairar do trabalho; pôs a alma na grandeza da esmola, no amparo do faminto, no frio da desgraça e cobriu de beijos os filhos tenros das mulheres perdidas; sorriu a pobres, cariciosamente, amparou misérias, com ternura, sacudiu palhaços, agitou carcaças, arremeteu contra fantasmas, jogou o pim-pam-pum, fêz dançar muitos robertos como que em cacifos de feira, cascalhou de ironia, atenzou corações, salvou almas, matou muita gente e perdeu muita mulher!... Soube rir e soube chorar; soube sofrer e penar como mártir, e soube lutar e morrer como homem, filho do desalento e da desgraça!

Perdoai, vós os que tendes tirado da vida do romancista, da vida do seu trabalho, do seu recolhimento, da sua meditação, vida de casa, de passeio e de jornada, vida de amor, de zangas, de consumições e de scismas, vida encasacada e de cotio, todos os arrumos do seu dispor caseiro, tôdas as ordens do seu mandar, todos os modos e maneiras do seu viver, para que a gente melhor o conheça na intimidade, nos seus hábitos e o sinta nos seus credos e torturas; vós os que o tendes incensado no seu crucifixo de dor quando as batalhas mais íntimas o amoleciam de sofrimento; que lhe tendes beijado os passos, desde que moço ainda êle peregrinou por êsse país em doidejante pujança de vida; que lhe descobristes os amores, as paixões e as loucuras endemoninhadas que lhe quebrantaram o arcaboço; vós que nos tendes apresentado com palavras tocantes de respeito tôda a sua geração, que êle beijou e estremeceu, fazendo-a entrar na convivência da nossa amizade, e que tendes ao vosso alcance tôda a reserva da sua correspondência nos segredos do seu pensar e nos gemidos da sua dor, como tendes sôbre a vossa mesa de trabalho ou de comer, mimosas e delicadas flores pendentes de soberbas jarras a tombarem tristemente despeteladas, como o cair de sangue, em gotas,

de ferida insanável, ou como o esbagoar sincero e afligido de mulher que morreu para as alegrias da vida!...

Perdoai, mulheres portuguesas, humildes e ignoradas, que tendes vivido em pensamento e sonho muitas das vidas das mulheres mais santas e sofredoras, mais tristes e desgraçadas, mais amorosas e felizes que têm atravessado o calvário ou o paraíso, o inferno ou o eldorado das páginas ensilvadas e crespas, ou ltuosas e negras ou loirejantes e bimbalhadas de festa, dos romances do Grande Mestre; vós que tendes chorado, peitos abertos em sofrimento e saudade, — de dó pelas esfarrapadas da desgraça, de pena pelas alanceadas do amor, de respeito pelas resignadas e pelas mártires da sua tortura e do seu credo, de compaixão pelas que se perderam, pelas abandonadas, pelas pedintes de misericórdia e reparação divinas, e de saudade bem triste pelas que se foram e partiram levadas pela morte!

Vós todos, conversados, noivos, esposos, corações insatisfeitos, almas orgulhosas, figuras de ambição e figurões de espanto, perdoai, vós que tendes um figurino em cada personagem do Mestre, um molde em cada tipo, um modelo em cada máscara, uma alma em cada corpo e um coração em cada peito calhados ao vosso feitio e jogados à vossa feição, de tudo como na botica, vós que tendes lá, nos seus romances e no seu teatro, os cavaleiros andantes por quem esperais, as scenas lindas que desejáveis passar e os lances arrebatados que desejaríeis viver; que tendes lá os sonhos da vossa paixão, a riqueza do vosso escrúpulo e as vaidades do vosso querer; que tendes também, em cada passagem, em cada tugúrio, a beleza feita ideal, o sacrifício desfeito em lágrimas, o amor tornado mendigando esmola; vós que já tendes entesoirados em colectâneas de luxo, e saídos da alma do romancista, pensamentos de coração, da mulher e do amor, com que podeis enriquecer, nos postais ilustrados, as frases do vosso affecto aos eleitos dos vossos olhos; que tendes por lá, pelas páginas de drama, atitudes de efeito e frases de convencer, palavras do povo, sinceras, portuguesas de lei, sem liga e sem significa-

ções dúbias, que podeis trocar pelos francesismos chiantes e emproados e pelo calão arrastado e desnudo, vós todos, perdoai, senhores do culto de Camilo, estudiosos do Mestre, que tendes enriquecido de obras valiosas os admiradores do romancista, antologistas de merecimento, poetas de sagração, mulheres portuguesas, perdoai que eu vá também na reza dos seus livros colher as flores do meu agrado, para as entesoirar na afeição da minha alma e para o estudo da minha paixoneta.

Subir de mansinho, rezar embora mal as orações que procuro, mas rezar sempre. ¿Que importa um tropeço na reza da confissão, se quem se confessa ajoelha sempre aos pés do confessor?

Subir de mansinho para não magoar o silêncio de uma alma que procurou descanso!...

A obra de Camilo, vasta e de profundos ensinamentos, e pelas qualidades requintadas do Mestre, pela energia do seu talento e pela fecúndia da sua observação, pelo orgulho do seu saber e pela sensibilidade do seu vibrar em afectos e sofrimentos, a obra de Camilo não podia deixar de ser inteiramente de amor à sua terra pátria, abrasada de ideal português, firmada ao jeito e ao gôsto, na sua mor parte, do viver popular, e puramente integrada no credo do seu sacerdócio de independência e animada de temas onde as almas batalhassem em campo de lição ou de castigo, tendo por pano de fundo scenários de maravilha e de côr, tam verdadeiros como os pinta a natureza nas suas quadras de tempo e de mudança, de seiva e criação.

Rica de tradições, a terra portuguesa, cheia de memórias que lembram os sonhos das mil e uma noites, de valentias, de lutas fidalgas, infestada de bruxas, pelos caminhos e nas fontes, de almas penadas, de diabos e tentações, de gentes humildes, agarradas ao poder supersticioso das suas cautelas e prevenções, de beatério penitenciado e de credices subidas ao grau de loucura escabujante de demónios metidiços, em terra assim, tam propícia, tam fértil e tam asada ao espriar de um talento famoso, não podia Camilo deixar de jornadear

pelos campos e montados a recordar o passado numa alevantada obrigação moral, a sentir de perto o povo humilde nas suas manifestações variadas de pensar, de viver, de trabalho (lá no campo raso e ignorado da sua luta suada e canseirosa) numa comoção de sensibilidade artística bem moldada à feição do sofrer daquela gente, sofrer alumiado a candeias de azeite e rezas a estampas de romaria, a perscrutar enfim dos seus dramas de espelinhos de feira, de cravos rubros, de vindimas e seroadas, de pândegas e penitências, de conversas e rixas, lá por longe, de dia ou de noite, por perdidos caminhos onde Cristo nunca passou e por casebres velhos onde o *compasso* entra uma vez por ano.

Não podia Camilo deixar de dar lições, quando tantos exemplos colheu no estudo e na observação directa, ouvindo queixumes de almas, assistindo a desenlaces de dramas, vendo tanta beleza pelos campos e tanta desgraça e perdição pelo mundo.

Pintou a natureza, largas manchas, fundos traços, impressões doiradas; coroou as laranjeiras para as noivas terem flores, aliñdou os santos para os altares terem luz, dignificou as almas para os homens serem melhores, pintou o inferno no escabujar de corpos moídos pelo remorso para os perdidos se salvarem, tracejou mulheres no enleio de serpentes para se emendarem, e tombou de dor, em moribunda agonia, as perjuras e falsas... pintar assim, com verdade, que todos meditem, que todos sonhem, que todos architectem os seus castelos e os deixem cair quando feitos de falsas idealizações e maldades...

Também eu quero ir lavar-me de pureza em passeio de luz e de frescura, por esse Minho — *perpétuo jardim do mundo* — da *Brasileira de Prazins*, de Afonso de Teive do *Amor de Salvação* e da família numerosa das *Novelas do Minho*, onde há mulheres tam minhas conhecidas, colmados e casais onde tantas vezes penetrei, lugares e terras que piso amiúde, com os olhos perdidos e de alma aberta à luz bondosa que se coa pelo folheto, e aos cantos que se abrem dos ninhos e ao somido dos toques que vêm de longe e alto das tórres das freguesias...

Caminhar em tam boa e amena companhia é ouvir em diligência as vides de muita gente, é sentir o pra-

zer de cantadas orações e ficar no segrêdo de muitos casos desconhecidos para ir de alcorreta badalar a outrem: queres que te conte a vida da *Enjeitada*? Queres saber a história da *Vitua do Enforcado*?

Passar assim, é como que ouvir um velho aldeão em contos de caminho, a apontar ao longe o lugar onde moram certos casais, onde vivem certos conhecidos, falados mandões, anafados brasileiros, petulantes fidalgos, meninas ricas, palminhos de cara jeitosos, o passal do abade, a igreja da freguesia... e dizer em segrêdo (as paredes têm ouvidos) as manhas e os defeitos de quem vai passando: aquela, coitada, sabe Deus... êste é o cura, bom homem, não desfazendo... esta tem o *home* no Brasil, passante de dois anos, e anda a empurrar o mundo, é uma cabra, com sua licença...

Passar assim, numa fagueira intimidade de conversa, num à-vontade familiar e franco de liberdade e justiça, onde se casam com bons sorrisos as graças de um elevado falar, é ouvir à lareira, — em serões de lida, a dobadoira a gemer em apanhos de meada ou a roca a expirar para a vida do fuso voltejante, lume a crepitar em borralho abafado e a lassidão e o cansaço a espreguiçarem-se pelos escabelos, — as velhinhas avós nos casos acontecidos, nas scenas passadas, nas lendas perdidas, nas tradições extintas, vindo de mistura os conselhos precisos, as sentenças que rezam como lei e os espelhos dos demais, onde todos se revejam e os males dos outros sirvam de emenda, de remédio e de lição.

Éra uma vez...

— Ora, ora, tôdas essas lindezas e mais bonitos ainda a gente que souber ler aprende por êsses livros, avôzinhas santas. Contos da vida, desgraças do mundo, lutas dos pobres fabianos, vêm nos livros tam bem escarrapachados que é mesmo uma riqueza. Contos de fadas, de moiras, de tesouros, isso é um mundo de enganos e de sonhos a meter mêdo à gente e a roubar o sono às crianças... Ler o *Amor de Perdição*, é chorar de pena. Há gente que vive e almas que sofrem. Ler o *Basílio Fernandes Enxertado* é rebentar às gargalhadas. Há gente que pantomina e disfruta. Assim, sim, caramba, vale a pena saber.

— Hora da reza, gente tagarela. Um terço pelos

que andam sobre as águas do mar e outro pelos que morreram, para que Deus se amerceie d'êles.

Nas obras de Camilo a linguagem é um primor e os termos populares formam constelações brilhantes em céu azul e límpido.

As scenas decorrem como na vida e as personagens têm jeitos e maneiras como se vivos estivessem. Caracteres vincados e scenografia empolgante.

Num povo crédulo e temente como o nosso, preso e ligado desde nascença e desde a hora do banho baptismal, às práticas supersticiosas das parteiras de habilidade, desde o começo dos primeiros passos com os maus olhados e o ar maléfico das Trindades, às benzeduras para as coisas ruins e os defumadoiros para purificação das almas e espantação de coisas más, com amuletos e ensalmos, até ao tempo de namorar, com os contos da moirama e os corpos-abertos para futurar da felicidade e bruxas para afugentar rivais e prender por artes de berliques e berloques os conversados timoratos, desde o tempo da gravidez, cheio de cautelas e sustos até ao correr da vida e do trabalho, anos a fio, com promessas, romarias e festanças, num povo assim, tão emaranhado na teia dos medos, das pragas e dos castigos, a religião é o seu esteio, que vai ao grau de fanatismo levada por tanta impertinência e insatisfação, as tradições os seus votos de regalia, e a cantilena benzilheira da superstição o seu amparo de dia a dia, de hora a hora, comendo com êle, dormindo com êle, jornadeando, passeando, trabalhando e vivendo na mesma e íntima e reservada companhia.

E sendo assim, perscrutado o povo neste íntimo do seu pensar e viver, arrastado para a luz impressa e pôsto em movimento de drama e de comédia, Camilo ao dar à leveza do assunto popular o brilho sossegado de um veio de água a correr em estrada de verdura, pintando o cenário com as côres dos lenços das lavradeiras, dando-lhe a desempenada elegância dos arcos de romaria e dos andores de festa, os usos e os costumes na gama própria e no rito da prática, as máscaras com o sujo do trabalho ou com os traços da

maldade, com os sulcos do sofrimento ou da miséria, ou do ódio e do remorso, dando cunho próprio às situações e movimentos, tinha de pôr as almas a nu, sacrários santos onde se guardam as crenças, as torturas, as tradições, as alegrias, o temor, o respeito, sacrários diabólicos onde cabem as manhas, os ódios, os bruxedos, as maldades, as vinganças, as superstições, tinha de as pôr a nu e fazê-las viver e falar no seu tom e no seu modo.

As superstições passam na obra de Camilo acidentalmente, não abusa delas para não enfasiar; os termos, êsses brilham constantemente, os adágios e dizeres só aparecem a propósito, e o bruxedo anda sempre em laço de prisão a transtornar as almas dos mais fracos, dos mais fanáticos. Superstições conhecidíssimas, é certo, adágios sabidos, mas o que importa se entesoirá-los é recolher, na forma e maneira de sãbiamente Camilo se expressar, algum motivo novo, alguma palavra bem soante, certa frase escorreita e certa variante desconhecida? Depois e o que importa: são umas notas para estudo e um reforço para trabalhos folclóricos. E essencialmente: são rezas da sua cartilha que de romagem vou rezando.

Modernamente, a influência regionalista, que tem por base o amor à terra e o estudo das gentes e das tradições, abrindo brechas no veio da maior riqueza popular, que é o segrêdo das suas coisas nos costumes mais recatados e nos hábitos mais escondidos, vai espalhando já, em filões, o conhecimento ignorado de muitas lendas, de muitas superstições, em tôdas as variantes da prática, com a linguagem própria e a justeza necessária à índole das gentes que aparecem nos desenhos das páginas.

Antes desta corrente, Camilo é um dos mais abundantes filões do saber popular.

E' pois o regionalismo um novo sacerdócio a levantar Portugal e a dar ao povo valor, na riqueza das suas lendas e tradições, ao povo que dá temas, ideias, palavras, enredos, frescura, pulso, nudez, verdade, visão, largueza, sangue, loucura, aos sacerdotes da corrente viril e forte do regionalismo impressivo e marcante.

Minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa...

NAS OBRAS DE CAMILO

(ESBOÇO)

«Até a fotografia, abarracada na cabeça dos conchelhos, tem feito colaborar o sol e o cloreto de prata na relaxação dos costumes.

Os *conversados* permutam retratos, e beijam-se reciprocamente em papel-cartão, aguçando o instinto da natureza bruta.

Verdade é que os pastores minhotos, há trezentos anos, já traziam ao pescoço os retratos das pastoras pintados em madeira, como se depreende destes versos de Diogo Bernardes, o rouxinol do Lima:

Pendurei num salgueiro a minha lira.
Ouvi-la ao som do vento é uma máguia,
em lugar de tanger geme e suspira.

Marília que *pintada numa tábua*
aqui no seio trago, também chora;
seus olhos dão-me fogo, e os meus água.

Como quer que seja, entre os retratos em tábua quais os pintava S. Lucas, e o retrato em fotografia aperfeiçoado por Fox Talbot, mede a distância que etnològicamente separa os Nizes e Filis de Diogo Bernardes destas Joanas e Tomásias que hão-de florear nas «Novelas do Minho.» — (*O Comendador — Novelas do Minho*, pág. 74).

A investigação desta nota típica seria de vantagem e curiosidade etnográficas.

« — Vossa senhoria sentiu alguma coisa no coração para vir ter-se comigo? — perguntou a risonha Custódia, querendo verificar se de feito o gentil moço fôra tocado por S. Gonçalo de Amarante.....

— ...e se Deus quiser, o marido dela há-de ser

vossa senhoria, ou S. Gonçalo não tem poder nenhum.....

— Pois aí tem o que há-de ser seu marido.

— Ora!... Quem sabe?

— Quem sabe! — respondeu severamente Custódia, pondo um braço ao alto, e um dedo apontando — Quem sabe? O meu S. Gonçalo de Amarante é que sabe, e por intercessão do glorioso santo Deus é que o quer.” — (*O Sangue*, pág. 60, 62 e 64).

Alude a um dos santos casamenteiros, não o mais casamenteiro, porque o excede o S. João, que o povo venera e canta no apropriado tom e modo do seu pedir de amores e noivos, *indo as moças à igreja de Amarante, no dia da festa, interrogá-lo, puxando-lhe o escapulário da imagem.* — (*“O Amor Português”*, por Luís Chaves).

E’ curiosa e extravagante esta velha notícia de um velho jornal:

«Duas raparigas do lugar da Marinha, limites de Ovar, atravessaram esta vila em direcção a Válega, onde foram cumprir uma promessa a S. Gonçalo, promessa singular, pela maneira como se ataviaram!

Uma delas levava um enorme colar de bogalhos, que dava duas voltas ao pescoço, um grande pinheiro ao ombro, com rama e raízes, e um tamanco cheio de milho; a outra fiava e levava um colar de castanhas cruas!

Eram acompanhadas por bastante gente e despertaram o riso de tódas as pessoas que as viram. Elas, porém, seguiram impassíveis a sua romagem.»

“Tomásia abriu a carta. A letra era inglesa, garrafal e elegante de hastes, enquadrada em cercaduras de flores que enramavam frêcheiros Cupidos. Custódia cavalgou os óculos para se pasmar de um coração ferido em ninho de folhagem, sôbre o qual duas calhandras ou passarinhos parecidos, asseteados também do amor, davam! mostras de se estarem beijando com os amorosos bicos.

— Vejam vocês! que graça tem estes bonecos! E éste menino tam gordo! — Isto não pode ser o menino Jesus, porque tem aqui uma cestinha à bandoleira. Será S. Joãozinho?

— Nada, não é — corrigiu a menina — Isto é o Amor.

— O amor?! — Este rapazinho assim em pêlo é o amor?... — (*O Sangue*, pág. 65).

Ainda hoje o papel-carta dos namorados da aldeia é bizarramente enfeitado, ao cimo da primeira fôlha, em litografia berrante de côres, com todos os símbolos do amor e da amizade: corações, flores, mãos dadas, chaves, uma variedade indecifrável de passarada e anafados cupidos no jôgo da seta, etc., etc. E tudo isto tem a sua significação e encanto para a gente do povo, e constitui um bom negócio dos tendeiros ambulantes.

Neste mesmo arranjo de significação, mas na pureza simples duma arte popular, embora com certas modificações e exclusão de símbolos vários, se encontram os lenços bordados, onde as quadras ditam leis, os coletes de rabichos, das mulheres, e os balaios, cestos de verga, com pinturas borratadas de flores e aves, etc., etc.

«Foi a velha à cozinha e colheu da saleira um punhado de sal. Fechou-se na água-furtada, e pulverizou o sal num caco. Depois, acendeu uns gravetos de alecrim, e esperou que batesse o meio-dia noutra tôrre. Ao primeiro toque, tirou uma boa pitada de sal, lançou-a à labareda do alecrim e ciciou estas palavras, debruçada sobre a vaporação da fogueirinha: *Eu te salgo, Inocêncio; eu te ressalgo e torno a ressalgar para que não possas comer, dormir, falar, nem sossegar, sem com a Tomasinha casar.* Seguiram-se mais duas pitadas de sal virgem e dois esconjuros no mesmo estilo.

Concluída a operação mágica, acocorou-se a beata, sorveu duas pitadas de simonte, ajeitou o regaço, montou as cangalhas e botou as cartas. Saíam-lhe dispostas as figuras do baralho tam de molde com o desejo que, à terceira vez, a sibila ganiu um ai de puro júbilo, estremecendo sobre a trípode do capacho em que se amesendrara. O rei de oiros, que era Inocêncio, calhava sempre de *corpo e pensamento* com a dama

do mesmo naipe, que era Tomásia. Por isso ela ganiu com uma expressão tórva, sobre-humana e como de vocalização infernal; pois não há duvidar que há o que quer que seja satânico na cartomância, quando as mãos escarnadas e roxas das profetisas cruzam sobre o baralho aquelas bênçãos e murmuram umas vozes esconjuratórias que a mim, homem dêste século e progressista, me já tem feito arripiar as fibras íntimas e riçar os cabelos." — (*Obra cit.*, pág. 95).

Pode inferir-se, por êste rematar final, de desabaio, que Camilo (como Eça) era, já não direi um temperamento puramente supersticioso, mas pela sua sensibilidade apurada e pela convivência das gentes destas práticas que a necessidade duma directa observação obrigava a estudar de perto, e direi mais, às vezes por certas fatalidades da vida e coincidências extravagantes que vêm ao encontro das desgraças sem a razão de todo as poder explicar, de receios supersticiosos.

Os maiores de talento e os mais desventurados são por vezes uns aferrados a superstições várias. Há exemplos. Nas *Scenas contemporâneas*, o romance *A caveira*, indica perfeitamente a sua imaginação supersticiosa. No volume *Os amores de Camilo*, de Alberto Pimentel, os capítulos *A promessa* e *Os filhos* revelam nitidamente o seu poder supersticioso. É o distinto escritor Alberto Pimentel remata, a pág. 363 do seu maravilhoso trabalho de investigação: *Nem todos os supersticiosos são infelizes, mas todos os infelizes são supersticiosos.*

Quanto ao saber mesendeiro e à arte da cartomância, Camilo descreve com verdade. Não conheço a prática de bruxedo a que Camilo se refere, mas conheço algumas que se assemelham. Mesmo em ponto de bruxaria, cada bruxa tem o seu modo de operar, embora tôdas as práticas levem o mesmo rumo e tenham o mesmo poder de acção diabólica com variantes e diferenças de paleio esconjuratório.

“E, todavia, lá fora, nessas choupanas cobertas de palha e afumaçadas das ramarias dos pinheiros, há contentamentos inefáveis. Os rapazes já escaldam as pinhas para lhes descelularem os pinhões, que hão-de jogar e comer na noite de Natal. Nas hortas medram as viçosas couves galegas, cujos olhos hão-de ser cozidos com o farto bacalhau naquela noite almejada.” — (*Ecos Humorísticos*, fasc. II).

Alusão à costumeira antiga da noite de Natal, que o povo conserva e respeita na sua essência e pureza tradicionais.

“A borracheira não deixa de solenizar estes ágapes. Depois, o mulherio e os rapazes saem, quentes e refractários ao gêlo de 24 de Dezembro, a cantar por portas o nascimento do Filho de Deus.

Quebram-se mutuamente as caras por causa da partilha dos cobres, e intercalam injúrias nas trovas, ou insultam as famílias que os não gratificam :

*Esta casa cheira a breu,
aqui mora algum judeu.*

A noite de amanhã, no Pôrto, é um inferno em que, se não há o bíblico estridor dos dentes, há o flagício das cabeças infligido pela orquestra bárbara dos garotos, que conservam a instrumentação com que os pastores da Galileia festejaram o Menino recém-nascido no presépio de Belém. São os ferrinhos, as sacabuchas, a viola chuleira, e as gargantas dêles, que dilaceram pela rouquidão e pelos pigarros dos depósitos dos maus vinhos.” — (*Ecos Humorísticos*, fasc. III).

As janeiras e os reis são ainda hoje o gáudio da rapaziada, e graças a ela a tradição de tam inocentes costumes vai recordando de ano a ano os versos e a música da sua consagração. Os instrumentos variam, o chocalho ainda persiste e as músicas paisanas e as tunas de classe já colaboram nestas funções públicas e características.

«Fui ver passar os ranchos dosromeiros à abradum rio cortado por um pontilhão e reprêsas de azenhas de um alegre bucolismo. Que tristeza! As mulheres sem a mínima caracterização aldeã, excepto as pernas gretadas e sujas. Vestiam jaqués e saias de chita escorridas nos quadris angulosos. Já não têm as velhas ancas roliças nem as sete saias que lhes boleavam os encontros.

A falta do vinho. Tôdas tristes como a Maria Parda do Gil Vicente, a prantear-se nas tabernas de Alfama.

Sêcas estão de todo estas chorudas moças do Minho, que o leitor talvez deixou a escumarem saúde, ádipo e júbilo por todos os poros da sua epiderme rosada.

Nos homens uma sonolência estúpida, cabisbaixos, sem o garbo do alentejano nem o aprumo rijo do beirão. Depois, acabaram as chulatas, as rondas, as estúrdias, em que as requintas e os clarinetes guinchavam uns assobios estridentes, que punham ecos alegres nas colinas e tiravam dos peitos das crianças gritos de júbilo. As bandas musicais mataram as chulas. O tangedor de viola apenas exercita o seu talento à porta da taberna, em dias-santos, regougando umas velhas trovas roucas que já foram por essas silenciosas casas a alegria das moças que hoje, velhas e idiotas, mastigam o terço nos lajedos das igrejas húmidas e fétidas. O tocador de rebeca, sentindo em si uma faísca do génio de Paganini, vai alistar-se na banda regimental, que êle chama a *eqüestra*, para injuriosamente lhe não chamar *orchestra*.

Como estas bandas têm libré — casaco azul e canhões vermelhos, quépi e calça branca espipada, — êste engôdo com doze vinténs de música bem bufada por serpentes de metal oxidado, tem dado cabo de aquelas ruidosas, festivas e nacionalíssimas festas da nossa infância.

O bombo, que começou a morrer desde que por escárnio o crismaram em *Zé-P'reira*, é já raro ouvir-se nas alvoradas de verão, festejando os mordomos das festas, e rolando ao longe os rufos das caixas nas quebradas sonoras dos montes. Isto fazia uma alegria

incomparável; chamava os corações que estremeciam alvoroçados, havia muito amor naqueles dias de festa, as moças saltavam dos combros aos caminhos suspensas nas rodas das saias; os rapazes esperavam-nas zangarriando nos cavaquinhos, e lá iam de rancho, num saracoteio de nalgas tam inocentes como as estátuas nuas, e com mais alguma sensibilidade que elas, quando as beliscavam nas polpas.

Polpas, inocência, bombo, cavaquinho, tudo passou...

O revólver e a navalha são as armas mais freqüentes dos camponeses do Minho. Já não usam o forte pau de carvalho ou lódão argoiado. Em terras de Barroso ainda não penetrou alguma das armas dos cobardes. O barrosão, quando quer bater ou evitar que lhe batam, estona um esgalho de cerquinho ou marmeleiro, põe-no de môlho três dias e três noites em uma poça e depois experimenta-lhe a elasticidade nos joelhos próprios, e, se é forçoso, nas costas alheias.

No Minho o valentão usa chibata de salgueiro, com que sacode a calça à guisa de janota de badine, e revólver no bôlso da esquerda, e navalha de ponta e mola no bôlso direito. Nas desordens de taberna tira da navalha com trejeitos afadistados, abre-a com os dentes, empalma-a na mão com gingações de boleeiro. O revólver, ao alcance desta gente, é espanhol, custa um quartinho, não tem guarda-fogo, dispara-se ao mais ligeiro descuido. As rixas freqüentes já não procedem de questões em partilhas de águas nem de ciúmes. Há inveterados ódios políticos por causa de triunfos e derrotas eleitorais, e mormente por eleições de junta de paróquia. — (*Ecos Humorísticos*, fascículo III).

Passagens de verdade, notas de observação e pontos de exagêro. A sua destriinça ocuparia muito espaço.

“ — Olhe que o gatinho nasceu esta noite; lá lho mando assim que estiver criado. Quer que lhe corte as orelhas e o rabito? ” — (*A Brasileira de Pra-zins*, pág. 10).

Este ponto alude com certeza ao costume vulgar no Minho de cortar o rabo aos gatos, deixando-lhes um simples tóco, porque diz o povo que o rabo os estorva de caçar, e o corte das orelhas torna-os mais finórios para os ratos.

“...Mas o grande consumo era de *contas de azeviche*, refractárias aos maus olhados; de modo e maneira que, se o azeviche é legítimo, senhores, logo que um inimigo nos encara, a conta racha de meio a meio.” — (*Obra cit.*, pág. 235).

E' um dos vulgares e conhecidos amuletos contra as más olhaduras, assim como os cornos de vaca-loira, etc., etc.

“No tocante à filiação de Cacademo ou Anti-Cristo, elucida o frade a gente idiota que o presume filho de freira e frade. A mãe, segundo frei Bernabé, há-de ser uma desavergonhada, a qual receberá maritalmente do demónio os espíritos generativos, torpe concúbito de que há-de sair o monstro a escoucear o género humano, até que o Filho de Deus, saíndo a cavalo do céu, desfará os esquadrões do precito; e, dardejando sôbre o Monte Olivete um raio, fulminará o patifão.

...todavia, bem pudera ela destemer-se da calúnia em anos tam adiantados e qualidades corporais tam persuasivas de continência que nem o próprio Anti-Cristo — a ser verdade que há-de engendrar-se em freira — quereria encarnar naquela tihosa ovelha do rebanho de frei Silvestre. — (*A bruxa do Monte Córdova*, pág. 58 e 157).

E' velha crença popular de que quando o Anti-Cristo nascer (e que sairá, segundo o povo, de uma velha ou de uma freira) acabará o mundo.

(Continua).

ALBERTO V. BRAGA.